



Livros escolares e imprensa educacional periódica dos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul, Brasil, 1870-1939

Schoolbooks and periodical educational publications among german immigrants
in the state of Rio Grande do Sul, Brazil, 1870-1939

Lúcio Kreutz
Universidade de Caxias do Sul

Resumo

A partir da ênfase na formação dos Estados Nacionais entendia-se que a escolarização do povo era uma promissora estratégia para a formação do "homem novo" para se chegar à desejada sociedade democrática. Nesse contexto, a imprensa pedagógica começou a ser privilegiada como um mecanismo fecundo para a dinamização do processo escolar. O objetivo do presente texto é examinar a produção dos livros escolares entre imigrantes alemães no Brasil, salientando que, a partir da década de 1870, iniciou atenção especial das igrejas da imigração, católica e evangélico-luterana, na produção da imprensa pedagógica. Tratava-se de uma estratégia de oposição à crescente formação do Estado Nacional, laico, que também recorria ao processo escolar como estratégia de sua afirmação. Nesse contexto os imigrantes alemães produziram expressivo número de livros e periódicos escolares, especialmente de 1870 até 1939, quando a imprensa na língua dos imigrantes foi proibida pelos decretos governamentais de nacionalização do ensino. No texto, além das informações introdutórias, analisa-se a tradição escolar entre os imigrantes, o contexto favorável para a produção da imprensa educacional e os periódicos e livros escolares elaborados e impressos para as escolas da imigração alemã, especialmente no estado do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: livros escolares. Imigração e escola. Imprensa pedagógica.

Abstract

On the basis of the emphasis put on the building of national states, the schooling of the people was seen as a promising strategy to build the "new man" and to reach the longed-for democratic society. In this context pedagogical publications began to be stressed as a fruitful mechanism to foster the dynamism of the school process. This paper discusses the publication of schoolbooks among German immigrants in Brazil, highlighting that from the '1870s onwards both the Catholic and the Lutheran immigrant churches gave special attention to the publication of pedagogical material. This was also a strategy used to counter the growing formation of the national lay state that equally made use of the schooling process as a means to affirm itself. In this context the German immigrants produced a significant number of schoolbooks and school-related periodicals, which are the topic of this paper.

Keywords: Schoolbooks. Immigration and school. Pedagogical publications.



Introdução

Para entender a questão da imprensa pedagógica entre imigrantes alemães, no Brasil, é importante levar em consideração sua tradição cultural e escolar de origem, sua forma de inserção e de localização na vida social, cultural e econômica do Brasil. Por exemplo, a forma de inserção no Estado de São Paulo como mão-de-obra urbana ou em fazendas de café foi diferente daquela do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo, em que predominou a concentração em núcleos rurais, inicialmente bastante isolados, mas etnicamente homogêneos. A formação desses núcleos rurais, com homogeneidade étnica, foi favorecida pela política oficial de imigração e sendo, também, uma tendência entre imigrantes, já que a homogeneidade favoreceria a formação de estruturas de apoio mútuo com base na própria tradição cultural.

Nessas circunstâncias, as colônias "alemãs", "polonesas", "italianas" e "japonesas", isoladas por longo período, empreenderam ampla estrutura de apoio ao processo escolar, religioso e sociocultural, com características de seus países de origem. A organização física dos núcleos rurais tinha, como princípio, que determinado número de imigrantes (de 60 a 100 famílias) se instalasse em torno de um centro para a comunidade, com infra-estrutura de artesanato, comércio e atendimento religioso-escolar. Essas seriam condições básicas para a integração entre os moradores. Sem essa estrutura física dos núcleos rurais, propiciando a interação entre os imigrantes, não teria sido possível a rede de organizações sociais, culturais e religiosas a dinamizar suas instâncias coletivas. Estudos mostram que os imigrantes, especialmente os que vieram ao Brasil no século XIX, normalmente conservavam alguma forma de identificação étnica em relação ao idioma, à organização religiosa, associativa e escolar de origem.

Importa observar ainda que entre os grupos étnicos que investiram no processo escolar houve bastantes diferenças nas iniciativas e ênfases. A partir das fontes dos imigrantes, o Brasil chegou a ter em torno de duas mil e quinhentas escolas étnicas, das quais 1.579 eram de imigrantes alemães com a seguinte distribuição por estado: Rio Grande do Sul, com 1.041; Santa Catarina, com 361; Espírito Santo, com 67; São Paulo, com 61; Rio de Janeiro, com 16 e mais 33 espalhadas nos outros estados. Entre 1870 e 1939, os imigrantes poloneses chegaram a ter 349 escolas étnicas, os italianos 167

(em 1914, eram 396) e os japoneses 178 (Kreutz, 2003, p. 355). Outras etnias de imigrantes também tiveram suas escolas, embora em número bastante menor. Os números de escolas aqui apresentados são bastante discrepantes, dependendo das fontes. Atribuo-o às tensões com o poder público no período da nacionalização compulsória. Importa ainda observar que o Brasil teve número mais elevado de escolas da imigração alemã do que os demais países da América Latina. Enquanto no Brasil as escolas da etnia alemã chegaram a 1.579, na Argentina, foram 204; no Chile, 45; no Paraguai, 25; e seis, no Uruguai. Essa diferença deve-se especialmente às políticas de imigração de cada país e ainda, como fator importante, às diversas formas de localização geográfica e de inserção sociocultural e econômica.

Outro aspecto importante a ser considerado é que o número de escolas não é proporcional ao número de imigrantes dos diversos grupos étnicos. Até a década de 1940, haviam chegado ao Brasil em torno de 1.513.000 italianos, 1.462.000 portugueses, 598.000 espanhóis, 250.000 alemães, 188.000 japoneses, 123.000 russos, 94.000 austríacos, 79.000 sírio-libaneses, 50.000 poloneses e diversos outros grupos étnicos em número menor (CARNEIRO, 1950). Esses números indicam a grande diferença quanto às escolas étnicas entre imigrantes no Brasil.

O primeiro grupo de imigrantes vindos ao Brasil, após a Independência, foi o dos alemães, chegando ao RS em 1824. Era um momento histórico de muita efervescência em torno da idéia de formação dos Estados Nacionais, independentes e laicos. Tomando o Estado e não a Igreja como referência maior de poder na organização da sociedade, entendia-se, tanto nos países europeus, como na América, que a escola seria a instância privilegiada para a formação de uma sociedade forte e independente. Essa idéia, considerada uma das bandeiras da Revolução Francesa, foi aprofundada a partir de então por Kant e Fichte. Esses pensadores entendiam que um povo só seria forte e independente se fosse formado e unido em torno de princípios comuns, a partir da base racional, o que era visto como tarefa principal da escola. Por isso, nas regiões de língua alemã iniciou intensa mobilização para a organização de escolas para toda a população. Naquele momento histórico, a Prússia estava sendo reconhecida como a região que tinha conseguido organizar melhor o sistema escolar, tanto que muitos países da Europa e da América enviaram para lá observadores com o objetivo de obter subsídios para a implantação de uma rede de ensino público para seus países.



A maior parte dos imigrantes alemães –, próximo a 90% –, vieram alfabetizados ao Brasil. Estavam conscientes da importância da escola para seus projetos sociais, políticos e culturais. Não foi o único grupo étnico a organizar escolas, mas foi quem as organizou em maior número e com mais ampla estrutura de apoio.

As escolas da imigração não eram homogêneas. Torna-se necessário distinguir entre escolas urbanas e escolas de núcleos rurais. Também era possível constatar acentuada diferença entre os diversos grupos étnicos quanto às iniciativas escolares e, especialmente, quanto à estrutura de apoio elaborada para as mesmas. Em relação aos imigrantes alemães, foco deste ensaio, as escolas étnicas eram ou urbanas, ou de ordens e congregações religiosas ou de núcleos rurais. Os imigrantes que se estabeleceram em centros urbanos, especialmente os vinculados ao comércio, indústria e profissões liberais, formaram associações para manter as chamadas “escolas alemãs” (*Deutsche Schule*), situadas no Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), Curitiba (PR), Blumenau (SC), Joinville (SC), Porto Alegre (RS), Pelotas (RS), Rio Grande (RS) e Novo Hamburgo (RS). Eram escolas laicas, geralmente de boa qualidade, nas quais também foram aceitos alunos não pertencentes ao respectivo grupo étnico. O currículo atendia às exigências nacionais e era complementado com aspectos da cultura alemã, ficando o mais próximo possível ao currículo praticado na Alemanha. Essas escolas eram bastante conhecidas e ainda hoje existem as equivalentes em algumas capitais de estados, como São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Pelas pesquisas realizadas até o momento, ainda não se sabe o número desse tipo de “escolas alemãs”, no entanto foi reduzido, possivelmente, em torno de uma dezena.

Diversas ordens e congregações religiosas também mantiveram escolas, especialmente em centros urbanos. Essas eram escolas confessionais, não diretamente étnicas, todavia com muitas características da tradição cultural do país de origem da ordem ou congregação que as mantinha. Essas foram destinadas à formação de lideranças e, embora também não fossem muitas, eram consideradas de boa qualidade e exerceram função relevante nesse aspecto. As “escolas alemãs” e as confessionais tiveram seus alunos especialmente da classe média.

No entanto, o maior número das escolas da imigração alemã foi de escolas étnico-comunitárias de núcleos rurais, compondo mais de 90% do total das escolas desse grupo étnico. E essas escolas não se desenvolveram de

forma isolada, cada uma restrita a seu núcleo populacional. Elas foram assumidas como prioridade pelas Associações dos imigrantes alemães e também estavam vinculadas a uma instância maior, isto é, à igreja católica e/ou evangélica. Ademais, eram escolas étnicas porque retratavam aspectos culturais importantes da respectiva etnia, como língua e costumes. Assim, parece mais adequado denominá-las escolas étnico-comunitárias, confessionais. Em 1931, as associações de professores da imigração alemã fizeram um levantamento de suas escolas. Constatou-se que, das 1.345 escolas étnico-comunitárias da imigração alemã, 705 estavam vinculadas à Igreja Evangélica Luterana, 451 à Igreja Católica e 169 eram mistas. No Rio Grande do Sul, a vinculação confessional das escolas da imigração alemã foi maior que noutros estados, tendo 911 escolas comunitárias vinculadas a uma confissão religiosa e apenas 41 escolas mistas (Cem anos de germanidade no RGS, 1999).

Esse dado é importante porque foi a homogeneidade étnica e confessional dos núcleos rurais que facilitou a coordenação do processo escolar por parte das respectivas igrejas, católica e luterana, com ampla estrutura de apoio para as elas. Toda a ação escolar foi planejada, incentivada e reestruturada como um assunto de interesse comum, a partir do estímulo e/ou coordenação da respectiva igreja. Assim, quando se introduziu a obrigatoriedade mínima de quatro anos, a partir de 1900, e de cinco anos, a partir de 1920, isso valeu para todas as escolas e localidades, sendo cobrado com sanções religiosas. Em nível confessional, católicos e luteranos tiveram, respectivamente, sua associação de professores, seu jornal do professor, sua escola normal, reuniões locais e regionais de professores, cursos e semanas de estudo, incentivando a produção de material didático específico para as escolas étnicas e organizando, em conjunto, um instituto de pensão e aposentadoria para os professores.

Também nos outros estados, especialmente em Santa Catarina, houve estrutura de apoio para as escolas da imigração, no entanto em número significativamente menor. A Associação Brasileira de Professores da Imigração Alemã elaborou, na década de 1930, uma lista dos professores e das escolas nos estados com imigrantes alemães. Essa lista contém o nome de cada professor, a localidade da escola, o nome da escola, o ano de sua fundação, o número de alunos, sua vinculação religiosa e se o professor recebia subvenção ou não do Estado. Trata-se de cópia manuscrita, encontrável no Instituto Martius Staden, em São Paulo.



Nos estados com número expressivo de imigrantes, houve convivência relativamente pacífica destes com o poder público, registrando-se estímulo governamental para as escolas étnicas até a Primeira Guerra Mundial. A partir de 1920, ocorreu progressivo decréscimo das escolas étnicas. Nesse momento, São Paulo estava sendo o centro de discussão de referenciais para a concepção de Nação, Cidadania e Nacionalidade. Nos estados em que os imigrantes se encontravam mais concentrados em área rural, o número de escolas étnicas ainda foi aumentando até a década de 1930, ocorrendo um processo de nacionalização preventiva, em que o governo abria escolas públicas junto às étnicas, porém sem impedir as iniciativas dos imigrantes.

A partir da tendência política crescentemente nacionalista, as escolas étnicas já foram vistas com mais restrição. E, em 1938/1939, com a nacionalização compulsória, foram fechadas ou transformadas em escolas públicas por meio de uma seqüência de decretos de nacionalização. No presente ensaio, delimito-me à imprensa pedagógica da imigração, de 1870 até sua supressão com a Campanha da Nacionalização, em 1939, enfocando a experiência dos imigrantes alemães, especialmente no Rio Grande do Sul, estado em que as escolas étnicas tiveram maior expressão, com significativa estrutura de apoio e ampla produção de livros didáticos. A partir dessas informações introdutórias, apresento inicialmente a tradição escolar dos imigrantes alemães a partir de sua terra de origem, trato do contexto favorável que encontraram no Brasil para organizar as escolas étnicas e, em seqüência, apresento suas iniciativas relacionadas com a imprensa educacional. Delimito o texto à imprensa pedagógica relacionada com as escolas étnico-comunitárias dos núcleos rurais de imigrantes alemães do Rio Grande do Sul, de 1870 a 1939, quando essa imprensa em língua alemã foi proibida pelo processo de Nacionalização do ensino.

Em 1991, a UNISINOS formou o Núcleo de Estudos Teuto-brasileiros (NETB), transformado posteriormente em ADOPE (Acervo Documental e de Pesquisa) com o objetivo de formar um acervo e de pesquisar as fontes da imigração alemã, especialmente no Rio Grande do Sul. Estou integrado com os demais pesquisadores desse Núcleo e, há anos, estamos promovendo um trabalho, ao estilo mutirão, mobilizando descendentes da imigração alemã, perscrutando acervos e bibliotecas para o levantamento dos livros didáticos da imigração alemã. No presente texto, apresento resultados de pesquisa desse grupo, especialmente os relativos à imprensa pedagógica entre os imigrantes

alemães, objeto específico de minhas pesquisas, recorrendo inclusive a alguns resultados de pesquisa apresentados já em publicações anteriores.

Os imigrantes alemães provieram de tradição já secular sobre a importância da escola e do livro didático

A partir da invenção da imprensa tornou-se cada vez mais freqüente o uso da Bíblia impressa para treinar a leitura. Gradativamente, passou-se a elaborar manuais específicos para esse objetivo, designando-os *Fibel* (cartilha). A expressão *Fibel* é conhecida, desde 1419, significando "pequena Bíblia". Segundo outra versão, esta palavra vem do termo latino *Fibula*, significando uma pequena lousa sobre a qual se escrevia com estilete. Nos séculos XV, XVI e XVII utilizava-se pouco essa expressão, sendo que as cartilhas recebiam outras denominações como *ABCbüchlein*, *ABCDarium*, *Hand-Figuren oder Grundtbiechel*, *Tabula Elementaris*, *Tafelbüchlein*, *Kindertafel*, *Syllabenbüchlein*, *Elementa Puerila*, *Kindertafel*, ou simplesmente *Tafel*. (LZ, 1911, n. 2, p. 16; *Lexikonder Pedagogik*, 1913, p. 1290).

30

A história sobre o início dos livros didáticos tem muitas referências a esses abecedários (cartilhas). Já no início do século XX, em tomo de 200 cartilhas diferentes estavam em circulação na língua alemã. Na biblioteca central da Fundação Comenius, em Leipzig, há acima de 1.500 títulos de cartilhas, em que se refletem as mudanças de método e de ênfase no ensino da leitura e da escrita ao longo dos séculos. Historicamente, houve uma seqüência de estudos e iniciativas quanto à concepção e reformulação de livros didáticos, especialmente de cartilhas. Isso ocorreu com o objetivo de adaptá-las constantemente aos avanços teóricos sobre a arte de ensinar a ler e a escrever. O livro escolar deveria estar em conformidade com a idade e o grau de desenvolvimento da criança, facilitando seu aprendizado.

Provindos dessa tradição já secular em relação à importância da literatura escolar, os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul investiram intensamente na elaboração e na impressão de livros didáticos, fazendo-o sob princípios pedagógicos acordados nas reuniões de docentes. As duas revistas dos professores teuto-brasileiros do Rio Grande do Sul, a católica e a evangélica, retratam essa dinâmica de produção do conhecimento e de sua expressão na literatura escolar. Até a década de 1930, os imigrantes alemães



havam elaborado e impresso acima de 160 manuais escolares, duas coleções de Jornal/Revista do Professor (*Lehrerzeitung*), um periódico intitulado *Das Schulbuch* (O Livro Escolar), e um anuário (*Lehrerkalender*) preparado especificamente para os professores da imigração alemã.

Essa imprensa pedagógica retrata a importância que a escola tinha no projeto das comunidades de imigração alemã do Rio Grande do Sul. Nas décadas de 1920/1930, os imigrantes haviam chegado praticamente à universalização da escola em mais de mil núcleos rurais do estado. A partir de 1937, com o processo compulsório de Nacionalização do Ensino, a produção e o uso da literatura escolar dos grupos étnicos foram proibidos, procedendo-se à destruição de parte, seja por agentes de nacionalização, seja por imigrantes, buscando proteger-se de incômodos com os agentes.

No texto, uso especialmente a expressão *livro escolar* porque é a tradução direta de *Schulbuch*, termo mais usado na literatura dos imigrantes alemães. Mas uso também e entendo como sinônimos as expressões *livro didático* e *manual escolar*, termos também usados no período.

Um contexto favorável para a produção da imprensa pedagógica dos imigrantes no Brasil

31

Os três periódicos, o anuário e os livros escolares dos imigrantes alemães do RS foram produzidos em momento histórico de intensa mobilização pelo direito para gerir o processo educacional, numa disputa entre Estado e Igreja, envolvendo também a autonomia comunitária sobre o processo escolar. Nesse período histórico, a imprensa pedagógica nacional, considerada como instância privilegiada de ação, começou a ser usada para a caracterização e para a definição daquilo que deveria ser a nacionalidade brasileira.

As iniciativas dos imigrantes, em relação à imprensa pedagógica, precisam ser entendidas em contexto amplo. O século XIX caracterizou-se pelo avanço na formação dos Estados/Nação que, para tentar consolidar-se, investiram fortemente no processo escolar. As igrejas cristãs entenderam-no como perda de seu direito de gerir a educação, reagindo no espírito da Restauração Religiosa. O processo escolar e a imprensa pedagógica tornaram-se, nesse contexto, eixo de atenção e campo de disputa. Os livros escolares de fato já vinham sendo bastante difundidos desde a Reforma Protestante e a Contra-

Reforma, especialmente em países de influência protestante. Seu uso na escola era entendido como um complemento do processo de ensino e não como seu centro. Bünger (1898) identifica a década de 1840 como o momento histórico em que se começou a tomar os manuais didáticos como base para o ensino escolar, especialmente em países europeus, nos quais a maior parte da população já freqüentava aulas.

É importante entender que a difusão dos impressos pedagógicos, entre eles, os livros escolares, sempre estiveram vinculados a processos político-sociais e culturais mais amplos de estruturação das sociedades. A partir do momento histórico da formação do Estado-Nação, a escola e o livro didático foram vistos como instância privilegiada para a formação e legitimação de novas estruturas político-sociais. Trata-se de um processo que não teve uma linearidade de tempo e de políticas públicas entre os diversos países.

No Brasil, os livros de leitura praticamente não existiam nas escolas até meados do século XIX. Estudos como os de Bittencourt (1993), Batista (1998), Munakata (1997), entre outros, realçam que a história inicial do livro didático tem a ver com a tardia implantação da Imprensa Régia, a partir de 1808. Até então os materiais de leitura eram pouco disponíveis, tanto nas raras escolas, quanto na sociedade como um todo. O brasileiro era um povo predominantemente não-escolarizado. Batista (1998) e Soares (1996) explicitam que, já a partir da primeira metade do século XIX, foram se tornando mais freqüentes os discursos sobre a necessidade da escolarização do povo, e que isto ocorria em várias esferas da sociedade. As Assembléias Provinciais mobilizavam-se em torno da elaboração de textos legais para ordenar a instrução formal, escolar. A legislação sobre o livro, sobre sua escolha e sua utilização, ficava a cargo das Províncias. Se, em termos de discurso e de legislação, foi-se estabelecendo um avanço, a prática efetiva de difusão de escolas e de impressos educacionais ainda era muito lenta, marcada fortemente pela herança do Brasil Colônia. Os escravos continuavam proibidos de freqüentar a escola, e para as meninas, o mais importante era uma educação geral, dirigida para o bom desempenho das atividades domésticas.

No Brasil, com a crise econômica e política de 1870, acentuou-se o debate em torno de novos horizontes. O projeto político republicano foi tomando corpo. Nesse contexto a escola e a imprensa pedagógica começaram a ser entendidos como um apoio promissor para as novas propostas.



No entanto, o livro didático foi objeto da política governamental, de forma mais sistemática, apenas a partir da década de 1930. Para Guy de Holanda (Apud FREITAG, 1987), o livro didático nacional é uma consequência direta da Revolução de 30. Segundo esse autor, a queda da moeda nacional, conjugada com o encarecimento do livro estrangeiro, provocado pela crise mundial, permitiu que o livro didático brasileiro, antes mais caro que o impresso no exterior, competisse com o ele.

Considero de suma importância a percepção de que o projeto republicano, com ênfase na escolarização e nos impressos pedagógicos, não se deu em espaço vazio de interesses conflitantes. Ao contrário, foi um momento histórico de agudas contradições e estranhamentos. Concomitante ao projeto republicano, e em parte contra este, ocorreu também uma rearticulação das Igrejas Cristãs. Acuados pelo avanço do ideário liberal com a proposta de um Estado laico, católicos e luteranos reagiram em perspectiva de Restauração Religiosa, tomando seus princípios como a referência maior para a organização político-social e cultural. Valores como solidariedade humana e comunitarismo deveriam ser prioritários na institucionalização político-social. Para essa reação, as Igrejas Cristãs encontraram junto aos imigrantes europeus, especialmente os da área rural, um terreno fértil, caracterizando-se, aí, como Igrejas de Imigração. (KREUTZ, 1991). Se na visão tradicional da igreja católica havia uma concepção de cultura que minimizava os aspectos relativos ao modo de ser concreto, a igreja da imigração, ao contrário, buscava aproximar-se das vivências cotidianas, do modo de vida, para "construir seu marco operativo de ação pastoral". Nesse sentido, a igreja da imigração, reconhecendo a importância do sujeito e de sua participação na formação de estruturas de vida, "[...] trabalhava pela construção da identidade, da responsabilidade solidária e da ação participativa." (SCHALLENBERGER, 2001, p. 188).

As lideranças da igreja da imigração consideravam que para o projeto sócio-cultural e religioso junto aos imigrantes alemães, era importante zelar pela preservação da língua de origem, da tradição religiosa com características étnicas, da escola com espaço privilegiado para a formação. Insistiam ainda que houvesse um zelo especial pelo espírito de organização, característica que já vinha sendo atribuída aos imigrantes e cujo desenvolvimento era vital para o amplo projeto de estruturas comunitárias. O projeto cristão junto aos imigrantes teria que começar com pequenas ações locais para tornar viável o engajamento de todos nas estruturas comunitárias.

Por ocasião do centenário da imigração alemã no Rio Grande do Sul, em 1924, para uma população de 290.289 imigrantes alemães no estado, havia 918 comunidades rurais com igreja, escola, clube social e recreativo, entre outras estruturas comunitárias, dinamizadas por ampla rede de associações. Em sua ação pastoral, a igreja da imigração investia profundamente no processo educacional/escolar, dando espaço privilegiado para os impressos pedagógicos. Católicos e luteranos começaram a liderar a organização de um conjunto de instituições socioculturais coerentes com sua perspectiva de ação pastoral. Reconheciam que, diante do avanço do ideário liberal, considerado ateu, era fundamental amenizar suas diferenças confessionais. Começaram, então, a investir na criação de estruturas socioculturais que lhes permitissem liderança na sociedade. É, nesse contexto, que as Igrejas Cristãs lideraram, junto a grupos de imigrantes, a organização do processo escolar étnico.

As instâncias que entraram fortemente na disputa por espaço, Estado e Igreja, tiveram em comum um acentuado investimento na educação escolar, fazendo-o com a produção de impressos pedagógicos adequados a seus objetivos. O exame dos impressos leva-nos a perceber imediatamente que foram concebidos a partir desse contexto. São impressos pedagógicos que retratam uma concepção de sociedade e de valores adequada aos objetivos e às peculiaridades das forças sociais em disputa de espaço. Em perspectiva de história cultural, podemos dizer que a imprensa pedagógica foi tomada como um poderoso instrumento para “[...] ajudar a conformar determinado modo de sociabilidade, sendo posto em convergência com outras estratégias políticas e culturais.” (CHARTIER, 1998; BENITO, 2000).

Os periódicos criados em função das escolas étnicas dos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul.

Boa fonte para pesquisar sobre a escola da imigração alemã e sobre o processo de produção dos livros didáticos encontra-se nos jornais e nas revistas editados pelos e para os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul. Em 1938, esse conjunto somava trinta e sete títulos diferentes, entre jornais, revistas mensais, folhas semanais e anuários (*Kalender*). Como a escola era uma das instâncias básicas para o projeto de comunidade dos imigrantes alemães, é fácil entender que, nas publicações, se tratasse quase ininterruptamente dessa



temática. Portanto, todas essas publicações são fontes importantes para a pesquisa sobre a questão escolar entre teuto-brasileiros. Entre os jornais destacam-se, pela importância, o *Deutsche Zeitung (Jornal Alemão)*, o *Deutsche Post (Correio Alemão)* e o *Deutsches Volksblatt (Folha Popular Alemã)*. Entre as revistas o *Skt. Paulusblatt*, o *Mitteilungen des Vorstandes des Riograndenser Synode (Boletim da Diretoria do Sínodo Riograndense)* e, entre os almanaques, o *Familienfreundkalender (Anuário Amigo da Família)*, o *Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien (Anuário Popular de Koseritz para o Brasil)* e o *Kalender für die Deutschen In Brasilien (Anuário para os alemães no Brasil)*.

Foram editados também três periódicos (jornais/revistas) e um almanaque do professor para tratar especificamente da questão escolar étnica. Um era o jornal da Associação de Professores Católicos da Imigração Alemã do Rio Grande do Sul, outro o da Associação dos Professores Evangélicos da Imigração Alemã do Rio Grande do Sul e o terceiro, como vimos, trata do Livro Escolar. Este último foi editado pela Livraria e Editora Rotermund, de São Leopoldo que também publicava o *Lehrerkalender (Almanaque do Professor)*. Os periódicos educacionais são:

1) **Lehrerzeitung.** *Vereinsblatt des deutschen katholischen Lehrervereins in Rio Grande do Sul (Jornal do Professor. Folha da Associação de Professores Católicos da Imigração Alemã no RS)*. Nos primeiros sete anos o título foi: *Mitteilungen des katholischen Lehrer-und Erziehungsvereins in Rio Grande do Sul (Boletim da Associação dos Professores e Educadores Católica do Rio Grande do Sul)*.

Esse foi o jornal da Associação de Professores Católicos da Imigração Alemã do Rio Grande do Sul. Iniciou em janeiro de 1900 e foi extinto pelo processo de Nacionalização do Ensino em setembro de 1939. Era impresso em alemão, normalmente em letra gótica. Sua edição foi suspensa por dois anos e dois meses, de novembro de 1917 a janeiro de 1920, em consequência da Primeira Guerra Mundial. A coleção existe quase completa, se somados os números existentes no Instituto Anchietano de Pesquisas, de São Leopoldo, com os do Instituto Hans Staden, de São Paulo. Falta, apenas, localizar os números correspondentes a janeiro de 1907, abril de 1922, e janeiro e agosto de 1924. Com o apoio do CNPq, a equipe de pesquisa do ADOPE/UNISINOS realizou a microfilmagem e providenciou cópia digitalizada dos números loca-

lizados até o momento. Está disponível no Acervo Documental e de Pesquisa (ADOPE) da UNISINOS.

A Associação de Professores Católicos (*Lehrerverein*) foi fundada, em 1898 e, em 1900, assumiu a edição do jornal/revista da associação. Os objetivos do jornal foram postos no editorial do primeiro número, assinado pelo presidente da Associação, Siegfried Kniest, então professor em São João do Montenegro. Basicamente, buscava-se promover a escola comunitária (paroquial) de acordo com a perspectiva católica, promover a formação dos professores e seu acompanhamento, tanto na prática do magistério como nas demais instâncias relacionadas com a função. Objetivava-se ainda a organização da escola e o apoio aos professores. Há todo um leque de objetivos específicos a serem trabalhados através do Jornal: obrigatoriedade escolar mínima de quatro anos, currículo mínimo e básico comum para todas as escolas, impressão e difusão de material didático. Enfim, o objetivo era ter um jornal para a promoção da escola e do professor, em todos os sentidos, dentro da perspectiva católica.

36

2) **Allgemeine Lehrerzeitung für Rio Grande do Sul.** *Vereinsblatt des deutschen evangelischen Lehrervereins in Rio Grande do Sul (Jornal Geral para o Professor no Rio Grande do Sul. Boletim da Associação de Professores Evangélicos no Rio Grande do Sul).*

Foi o jornal da Associação de Professores Teuto-Brasileiros Evangélicos do Rio Grande do Sul, publicado de 1901 até 1939, fechado então pela Nacionalização do Ensino. Era impresso em alemão, normalmente em letra gótica, foi editado em Santa Cruz, até outubro de 1925. O número de novembro de 1925 foi editado em São Leopoldo e os números posteriores, até 1939, em Porto Alegre, mas sempre sob a coordenação do *Lehrerverein* (Associação dos Professores) evangélico.

Os objetivos do *Allgemeine Lehrerzeitung* são semelhantes aos do congêneres católico, respeitando a perspectiva evangélica. Até o momento, foram localizados números de 1906 a 1939. Embora a equipe de pesquisa tenha procurado em todos os acervos do RS, a coleção continua incompleta. Uma parte desta existe no Instituto Hans Staden, em São Paulo. Com o apoio do CNPq, o grupo de pesquisas do ADOPE/UNISINOS realizou a microfilmagem e fez cópias digitalizadas dos números encontrados até o momento. Estão disponíveis igualmente no ADOPE da UNISINOS.



3) **Das Schulbuch.** *Organ zum Ausbau der Schulbuchliteratur in Brasilien* (O Livro Escolar. Órgão de apoio à literatura escolar no Brasil).

De 1917 a 1938, a editora Rotermund de São Leopoldo, editou cinquenta e dois números desse periódico. Tratava do livro escolar e o objetivo maior desse periódico era fomentar reflexões relacionadas com a concepção, elaboração, impressão e difusão da literatura relativa ao livro didático no Brasil (*Organ zum Ausbau der Schulbuchliteratur in Brasilien*). No frontispício de cada número, aparecem junto ao título, e em destaque, três informações:

- A redação está nas mãos de pedagogos renomados; todas as colaborações devem ser enviadas à Editora Rotermund e Cia., São Leopoldo.
- Será enviado, gratuitamente, a todos os professores e interessados.
- Editado segundo a necessidade, tratando dos diversos aspectos que envolvem o trabalho pedagógico. Aceita-se, gratuitamente, o anúncio de procura e de oferta de vagas para professor.

Todos os números foram impressos em alemão, letra gótica. Os três primeiros apareceram respectivamente em julho, agosto e setembro de 1917, sobre os números quatro e cinco ainda não obtiveram informações. Houve interrupção de sete anos na sua publicação, reaparecendo com o número seis em outubro de 1925. Ao término da Primeira Guerra Mundial foi proibida a imprensa alemã no Brasil, significando duro golpe para a Editora Rotermund que vinha imprimindo, desde 1880, todo um conjunto de impressos para os imigrantes alemães em sua língua materna. Entre esses impressos estavam um jornal (*Deutsche Post*), livros didáticos, anuários, boletins, folhas dominicais e outros.

O editorial do número seis enfatiza que, em função da mudança dos tempos, devem seguir-se também transformações na ação pedagógica. Realça que não se pode depender de manuais escolares impressos em outro país e em outra realidade. O editor ainda faz um apelo aos professores para que divulguem o periódico e colaborem com artigos referentes a seu trabalho escolar, com relatos sobre reuniões de professores e com troca de informações sobre a oferta e procura de vagas para docentes. O periódico dispunha-se a ser um instrumento de formação e informação para os professores.

Até o presente, foram localizados exemplares no acervo Mentz, Porto Alegre, no acervo Rotermund, São Leopoldo e no acervo Martius Staden, São Paulo. Com o apoio do CNPq, o grupo de pesquisa do Acervo Documental e de Pesquisa da UNISINOS (ADOPE/UNISINOS) realizou a microfilmagem e providenciou cópia digitalizada dos cinquenta e dois números já localizados, disponibilizando uma cópia para cada acervo e disponibilizando mais cópias no ADOPE da UNISINOS.

4) **Lehrer-Kalender, Merk-und Taschenbuch für Lehrer an deutschen Schulen in Brasilien** (*Almanaque do Professor, Livro de Bolso e Agenda para Professores nas Escolas da Imigração Alemã no Brasil*)

O Almanaque do Professor, Livro de Bolso e Agenda para Professores em escolas alemãs no Brasil também foi publicado pela Editora Rotermund, em São Leopoldo, de 1923 a 1938. Os editores visavam complementar o apoio aos professores através de um almanaque/agenda prático em formato de bolso. Este se compunha de artigos referentes a novas práticas didáticas, de resenhas sobre as associações de professores e estruturas de apoio aos docentes. Apresentava propaganda e informações relativas a livros didáticos para as escolas da imigração alemã.

O *Lehrer-Kalender* era enviado gratuitamente pela Editora Rotermund aos professores das escolas étnicas, mas, por vezes, não chegava aos destinatários. Em *Das Schulbuch* informa-se que a Editora, ao saber que diversos professores não o haviam recebido, investigou o processo de distribuição, descobrindo que era vendido por intermediários para não-professores interessados no mesmo. Isso comprova que existia interesse pelo *Kalender* em público bastante diversificado.

Localizamos, até o momento, no ADOPE da UNISINOS, as edições de 1925, 1929, 1930, 1931, 1932 e 1938. Temos ainda conhecimento de que existem exemplares do *Lehrer-Kalender* no acervo Mentz, junto à UFRGS. Sabemos que lá se encontram os números de 1925, 1926, 1928, 1934 e 1938. Além disso, no Museu Histórico de São Leopoldo também há alguns números.

As informações apresentadas sobre a imprensa educacional periódica dos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul são importantes para se entender a importância que esse grupo étnico atribuía à escola, à estrutura de apoio



para a mesma e, especialmente, para se entender o significado de ampla produção de material didático, com privilegiamento dos livros escolares.

Os livros didáticos

A produção de material didático a partir da realidade dos alunos foi um desafio enfrentado já pelos primeiros imigrantes alemães. No início, o recurso disponível foi a produção de cartilhas manuscritas. Rambo (1956) cita o Prof. Rosenbock, de Hamburgo Velho, RS, como um dos elaboradores de cartilhas manuscritas. Em 1832, oito anos após a vinda dos imigrantes pioneiros, foi impressa a primeira cartilha para as escolas da imigração alemã no Brasil, sob o título: **Neuestes ABC Buchstabier und Lesebuch zunächst für die Kolonie von S't Leopoldo**. Porto Alegre, gedruckt und zu haben in der Buchdruckerey von C. Dubreuil und Cia, 1832 (O mais novo livro de soletração e de leitura para a colônia de São Leopoldo. Impresso e disponível na Editora Dubreuil de Porto Alegre). Além do título, a folha de rosto ainda trazia a epígrafe: *Was Hänschen nichtt lernt, lernt Hans nimmermehr*, isto é, o que Joãozinho não aprende, João não aprenderá mais. (CEM ANOS DE GERMANIDADE NO R.G.S. 1999).

Além dessas informações sobre o material didático no início da imigração, sabemos muito pouco das décadas subseqüentes, até 1870. A partir de então, a questão da elaboração do material didático começou a ter incentivo especial da parte das lideranças da imigração alemã, especialmente das igrejas cristãs, católica e evangélica. Em função disso, foram fundadas as duas Associações de Professores, os dois Jornais do Professor, as duas Escolas Normais para a formação de professores, um instituto de pensão e aposentadoria, entre outras iniciativas. Com essas instâncias a apoiar fortemente o processo escolar, entende-se por que houve, pelo menos parcialmente, uma produção de material didático que mantinha conotação confessional em termos de religião e de valores ético-morais. Em relação ao ensino da língua, da matemática e de conhecimentos de ciências e geografia, o material a ser usado normalmente era comum às duas confissões religiosas. A Editora Rotermund de São Leopoldo publicava principalmente o material didático produzido para as escolas evangélicas e os católicos recorriam mais à Typographia do Centro e à Livraria e Editora Selbach, ambas de Porto Alegre.

As assembleias gerais e regionais de professores tiveram como tema forte de suas reuniões a elaboração e o uso dos livros didáticos. Os dois periódicos dos professores e o periódico *Das Schulbuch* (o livro escolar) registram continuamente essa prioridade, relatando a preocupação dos professores e das diretorias de escola com a edição de manuais preparados especificamente para as necessidades das escolas étnico-comunitárias. Havia consenso sobre a necessidade de as escolas serem providas com bom e adequado material didático. No final da década de 1930, somente a editora Rotermund já havia editado acima de 40 títulos de abecedários e manuais para as escolas da imigração alemã. E, em 1931, já havia vendido, a título de exemplo, 160.000 exemplares do livro de matemática da autoria de Oto Büchler, *Praktischen Rechenschule*. (*DAS SCHULBUCH*, n. 40, 1932, p. 5). Talvez seja o livro escolar dos imigrantes de maior tiragem entre imigrantes alemães, contudo diversos manuais passaram de 10 edições.

40

Esses manuais eram tratados, recomendados ou criticados nos periódicos acima citados e, principalmente, nas assembleias gerais e regionais de professores, quando se discutia a teoria vinculada à prática. Nessas assembleias, os autores ou os defensores dos manuais eram convidados a ministrar aulas demonstrativas para os colegas professores, com os alunos da escola em que se realizava a reunião. Depois, era iniciado o debate, publicando-se um relatório das discussões nos três periódicos educacionais da imigração alemã. A seqüência de críticas e sugestões facultava a re-elaboração dos manuais, com as incorporações e/ou modificações sugeridas.

Os manuais didáticos não foram impostos. Em cada área de estudos havia os mais consagrados. Dizia-se que sempre era útil e recomendável que os professores tivessem seus manuais, por mais experientes que fossem e mesmo que não o seguissem literalmente.

Um rápido exame do conteúdo e da metodologia desses manuais permite concluir que tinham sido elaborados sob a diretriz de uma escola e currículo voltados para a realidade do aluno e da comunidade em área rural. Por exemplo, no ensino de matemática a prioridade eram as operações básicas que pudessem ser realizadas mentalmente (*Kopfrechnungen*), nas circunstâncias concretas da vida agrícola em que, por vezes, não havia papel e lápis à disposição. O próprio título do manual mais usado nessa matéria, o *Praktischen Rechenschule* (o ensino prático da matemática), de Otto Büchler reflete este entendimento. O mesmo valia para *realia* (ensino de coisas reais – ciências,



história e geografia) e outras disciplinas. As duas associações de professores da imigração alemã sempre reconheceram que uma de suas principais atribuições era o zelo pelo material didático para as escolas comunitárias. Estimularam sua elaboração e procuraram disponibilizá-lo ao preço mais acessível.

É preciso lembrar que o processo de Nacionalização do Ensino compulsório foi traumático e, em muitas situações, incentivou-se a destruição da imprensa em língua alemã, com sérias conseqüências para os detentores da mesma. Crianças eram revistadas no caminho da escola, prisões eram efetuadas, em suma, criou-se um clima de muito medo, sendo que freqüentemente livros didáticos eram destruídos pelos agentes da nacionalização ou pelos próprios imigrantes, em gesto de autodefesa.

Assim, ao iniciarmos o processo de formação do acervo, escutávamos com freqüência que tínhamos muita dificuldade nessa empreitada porque esse material tinha sido destruído. No entanto, com um trabalho sistemático e com diversas chamadas pela imprensa lida em região de descendentes de imigrantes, conseguimos uma razoável mobilização em torno do assunto e gradativamente os resultados começaram a aparecer. Descobrimos que boa parte dos livros escolares havia sido escondida no período da última guerra e, em novos tempos, os detentores dos mesmos animavam-se a disponibilizá-los. É verdade que parte desse material está em precário estado de conservação, no entanto já localizamos 167 manuais escolares elaborados e impressos especificamente para as escolas da imigração. Localizamos, ainda, uma centena de manuais impressos na Alemanha e presentes nos acervos da imigração, havendo indícios que tenham sido mais usados até o final do século XIX, quando começou intensa campanha pela elaboração de material didático específico para as escolas étnicas do Brasil com a justificativa de que a realidade do Brasil era diferente da Alemanha, de modo que os livros escolares deveriam refletir a realidade local. Nessa perspectiva, os manuais impressos na Alemanha não seriam adequados para as escolas da imigração no Brasil.

Nas duas coleções do jornal do professor, encontramos, a partir de 1900, bastantes informes sobre a disponibilidade de livros elaborados especificamente para as escolas da imigração, cobrindo todas as áreas de estudo nessa escola. A atenção ao valor e à necessidade de adequado material didático desenvolveu-se e intensificou-se progressivamente entre imigrantes alemães, de tal modo que, em 1917, já foi lançado o *Das Schulbuch* e em 1923 o *Lehrerkalender*, cujo tema central era a questão do livro didático. Portanto

houve como que um constante bombardeio junto aos professores sobre essa questão. Por sinal, o *Das Schulbuch* parece ser o único periódico específico sobre o livro escolar existente até hoje. Nas buscas, não conseguimos informação sobre iniciativa equivalente em outros países. Por si só, isso retrata a grande importância dada aos manuais escolares nesse grupo étnico.

Nas escolas da imigração alemã, ensinava-se a língua alemã e o português. A partir de 1900, houve uma mobilização crescente pelo ensino do português. Os pais entendiam que seus filhos teriam melhores condições para se estabelecerem em termos profissionais numa sociedade em que as inter-relações ocorriam de forma cada vez mais freqüente, se entendessem bem o português. Os periódicos das associações de professores e o uso de livros didáticos comprovam-no. A questão do ensino do português tornou-se questão central nas assembleias de professores, sua carga horária foi aumentando gradativamente e houve cada vez maior busca por livros didáticos em português. Até o momento, localizamos 89 títulos de livros em português, usados nas escolas da imigração. Partes desses não foram elaborados especificamente para as escolas da imigração, embora usados na mesma. Normalmente, são da década de 1920 e 1930. Trata-se especialmente de manuais da coleção FTD e os de Clemente Pinto.

42

No levantamento dos livros didáticos da imigração alemã, procuramos fazer uma ficha descritiva de cada livro, informando autor, editor, ano de publicação, edição, número de páginas e observações relativas ao estado de conservação ou em relação a alguma peculiaridade do livro. Essas fichas descritivas foram incluídas na microfilmagem que realizamos desses livros, atividade que exigiu muito tempo e dedicação, seja para limpar o melhor possível os livros, geralmente em precário estado de conservação, seja para conseguir dados informativos sobre eles, constantes nos periódicos educacionais. Não temos informações completas em relação a todos os manuais. Com certa freqüência falta a data da publicação, mesmo estando o manual inteiro e legível. Entendo que a omissão da data era uma estratégia dos editores para mantê-lo com a aparência de um manual atualizado. Noutros casos, a falta de dados deve-se ao precário estado de conservação.

A análise dos manuais revela que as discussões e sugestões das assembleias dos professores provocavam uma dinâmica de renovação e de reformulação desses livros. Nas sucessivas reedições, é possível perceber acréscimos e modificações por vezes significativas de uma edição para a



subseqüente. Há casos de manuais editados por um ou mais autores, e, em edições posteriores, foram re-elaborados por um terceiro autor. Um exemplo é o *Fibel für deutsche Schulen in Brasilien* (Cartilha para escolas alemãs no Brasil), da autoria de Rotermund e Nack. A primeira edição é de 1878, elaborada em São Leopoldo e impressa em Leipzig. Sobre a segunda, a terceira e a quarta edição ainda não temos informações. A quinta edição, de 1896, já foi impressa na editora Rotermund, em São Leopoldo. A partir da décima terceira edição, em 1917, a mesma cartilha é reelaborada por Heuer. E a partir da décima oitava edição, em 1932, foi impressa com o anexo *A orthoepia da língua portuguesa para as escolas alemãs no Brasil*, publicada por Rotermund em 1879, e que, então, em 1932, já havia tido 19 edições sucessivas. Em 1932 a *orthoepia* tornou-se um anexo da cartilha. Já a partir de 1924, a cartilha passara a ser impressa sob duas modalidades: Edição A, em grafia gótica e Edição B, em grafia latina, sendo que ambas as edições também foram publicadas num só volume. Essa edição de 1924 é apresentada como *Dritte Auflage* (terceira edição), indicando que, com Heuer, passou a ter edição própria, não se levando mais em consideração as treze edições feitas sob a autoria de Rotermund e Nack. Este é apenas um exemplo, entre outros, de como ocorreram transformações, re-elaborações participação de mais autores nas sucessivas reedições do mesmo manual escolar. Diversos livros didáticos tiveram quinze ou mais edições, sendo que, até o momento, só se conseguiu localizar uma.

As indicações acima permitem perceber que houve toda uma dinâmica relacionada com o livro escolar entre imigrantes alemães no Brasil, em momento histórico em que as políticas públicas ainda não davam maior importância a essa questão. Mas indicam também que a recuperação do acervo é apenas parcial, havendo lacunas importantes em relação a livros inteiros ou na seqüência de reedições do mesmo manual. Apesar de muita busca, ainda não conseguimos localizar exemplar do primeiro livro, o de 1824 (*Nestes ABC und Buchstabierbuch*), do qual já foi tratado acima. As informações relativas ao mesmo estão no livro comemorativo do centenário da imigração alemã no Rio Grande do Sul, publicado em 1924, onde é apresentada inclusive a imagem da capa do livro. (CEM ANOS DE GERMANIDADE NO R.G.S., 1999). Os estudos relativos ao livro didático entre imigrantes alemãs, de fato, são bem incipientes. O esforço realizado até o momento foi especialmente o de procurar a localização do que ainda existe, providenciando uma cópia em

microfilme e cópias digitalizadas, para favorecer o acesso dos pesquisadores aos mesmos. Os originais estão em acervos diversos e, inclusive, com pessoas individuais e, assim, o acesso para pesquisa é dificultado. Em todo o caso, trata-se de material muito rico, disponível para ser pesquisado.

Félix (2004) compara em sua tese de doutorado as gramáticas da autoria de Rotermund (em São Leopoldo) e Damm (em Blumenau), elaboradas para o ensino do português dos imigrantes alemães com duas gramáticas e autores consagrados no Brasil, respectivamente as de João e de Júlio Ribeiro, publicadas no mesmo período, na década de 1890, sendo os autores considerados clássicos das gramáticas usadas nas escolas públicas. Félix busca detectar o índice de brasilidade lingüística dos dois autores da imigração alemã e conclui que, em termos de fundamentação e de conhecimento do estado da arte, as gramáticas de Rotermund e Damm não eram inferiores às dos dois Ribeiros e revelavam notável atualização, acompanhando as discussões a respeito no Brasil e em países europeus. Conclui que Rotermund e Damm revelam elevado conhecimento da língua portuguesa. É possível perceber algo semelhante ao se ler as fundamentações teóricas de método, apresentadas nos periódicos relativos ao processo escolar entre imigrantes alemães, especialmente no *Das Schulbuch*, cujo enfoque específico é o livro escolar.

44

Entre os professores da imigração alemã houve um grupo significativo, especialmente os autores de manuais didáticos, que vieram ao Brasil com formação pedagógica em nível superior e continuavam a acompanhar os estudos na área. Muitos artigos, nesses periódicos, retratam o conhecimento que seus autores tinham dos avanços na área em países europeus, especialmente na Alemanha. Rotermund, que teve atuação mais destacada como autor de livros didáticos, e como editor, chegou ao Brasil em 1874, com o grau de Doutor em Filosofia, sendo filho de professor na Alemanha e ele mesmo tendo lecionado lá. Dedicou-se intensamente ao aprendizado da língua pátria e, em 1879, já publicou o livro *Orthoépia da língua portuguesa para o ensino nas escolas da imigração alemã no Brasil*. Em síntese, os autores de livros escolares entre imigrantes alemães procuravam acompanhar os avanços na área, aplicando esses conhecimentos com criatividade na elaboração de material didático o mais possível adaptado à realidade dos imigrantes no Brasil.

De 1900 a 1937 a produção de material didático entre os imigrantes alemães no Brasil deu-se num crescendo, com ampla participação dos professores no fervilhar de idéias e debates em torno da melhor forma de conduzir



o processo educacional. Como a questão escolar era considerada tema prioritário pelas lideranças das igrejas, católica e evangélica, que assumiam a causa da escola como estratégia central para seu processo de evangelização e, como igualmente houve significativo número de lideranças laicas entre os imigrantes que também assumiam esta causa, não é de se estranhar que, na década de 1920 e de 1930, cada núcleo rural da imigração tivesse sua escola e professor e que praticamente todas as crianças iam à escola, motivadas para isto, inclusive, pelas igrejas que aplicavam sanções religiosas aos que não freqüentassem a escola. A quase totalidade dos imigrantes alemães era alfabetizada nesse período.

A partir de 1937, com a criação do INL e a intervenção autoritária e centralizadora em relação à imprensa educacional, como vimos acima, iniciou o descompasso entre imigrantes e políticas públicas em relação à questão do livro escolar. A criação do INL acompanhava um conjunto de medidas com as quais o governo, em momento de acentuada tendência nacionalista, visava à reestruturação e controle ideológico do sistema educacional brasileiro. O conceito de nação era então elaborado a partir das características culturais da tradição luso-brasileira, tornando indesejáveis as manifestações culturais de outros grupos étnicos que também se consideravam cidadãos brasileiros, gerando tensões e conseqüências negativas para o processo escolar étnico.

O contraditório da história do livro didático no Brasil está no fato de que o poder público, ao interessar-se pela primeira vez de forma explícita por ele, no final da década de 1930, ter proibido e, em parte, induzido à destruição da literatura educacional de imigrantes, que compunha um conjunto de três periódicos educacionais, um anuário e mais de 170 livros didáticos, desarticulando também uma rede de mais de duas mil escolas étnico-comunitárias da imigração. Os imigrantes haviam investido muito na estrutura escolar e no material didático, entendendo que este deveria ser adequado à realidade brasileira, pois em sua grande maioria consideravam-se brasileiros que queriam manter sua tradição cultural. A ironia está no fato de que os imigrantes haviam sido estimulados anteriormente pelo poder público para organizar seu processo escolar já que os governantes diziam não ter condições para fazê-lo. A partir do momento em que chamou a si a política do livro didático, em 1937, o governo teve uma postura marcadamente centralizadora e homogeneizadora, preterindo a participação de associações de professores, de círculos de pais

e mestres, seja na organização e definição de conteúdos de livros escolares, seja em sua produção e distribuição.

Entendo que os imigrantes alemães escreveram uma página singular em relação à literatura escolar. E essa é uma fonte muito rica para pesquisar um aspecto marcante de nossa história escolar e cultural.

Considerações finais

As duas Associações de Professores da imigração alemã no Rio Grande do Sul (católica e luterana) sempre reconheceram que uma de suas principais atribuições era o zelo pelo material didático para as escolas comunitárias. Estimularam sua elaboração e procuraram editá-lo e vendê-lo a um preço acessível.

As duas coleções do *Jornal do Professor* e o *Das Schulbuch* são periódicos praticamente desconhecidos na historiografia da educação. O fato de serem de difícil acesso, terem sido impressos em língua alemã, letra gótica, deve ter contribuído para isto. Uma leitura rápida desses periódicos levou-me a perceber que se trata de uma fonte preciosa para entender o debate sobre os livros didáticos e as políticas educacionais do período. Catani e Bastos (1997) enfatizam, a partir de Pierre Ognier, que a imprensa educacional

[...] é um corpus documental de vastas dimensões, pois se constitui em testemunho vivo dos métodos e concepções de uma época [...] permitindo ao pesquisador estudar o pensamento pedagógico de um determinado setor ou de um grupo social, a partir da análise do discurso veiculado e da ressonância dos temas didáticos, dentro e fora do universo escolar. (CATANI; BASTOS, 1997, p. 5).

Também para Nóvoa (1993) a imprensa periódica é um excelente meio para se compreender a dinâmica do campo educativo, por

[...] revelar tanto as múltiplas facetas dos processos educativos, numa perspectiva interna ao sistema de ensino (cursos, programas, currículo), como também o papel desempenhado pelas famílias e pelas diversas instâncias de socialização de crianças e de jovens; ser o melhor meio para compreender as dificuldades de articulação entre a teoria e a prática [...]; ser o lugar de uma permanente regulação coletiva: a elaboração de um periódico apela sempre a



debates e a discussões, a polêmicas e a conflitos; mesmo quando é fruto de uma vontade individual, a controvérsia não deixa de estar presente, no diálogo com os leitores, nas reivindicações junto aos poderes públicos ou nos editoriais de abertura. (NÓVOA, 1993, p. XXXII).

Catani e Bastos (1997, p. 7) expressam ainda a compreensão da extraordinária potencialidade analítica que a imprensa periódica educacional permite ao pesquisador, por constituir “[...] instância privilegiada para a apreensão dos modos de funcionamento do campo educacional, pois fazem circular práticas docentes, o ensino específico das disciplinas, a organização dos sistemas, as reivindicações da categoria do magistério e outros temas [...]”.

Enfatizam que a imprensa periódica educacional “[...] permite conhecer as lutas por legitimidade que se travam dentro do campo e também analisar a participação dos agentes produtores do periódico na organização do sistema de ensino e na elaboração dos discursos que visam a instaurar as práticas exemplares.” (CATANI; BASTOS, 1997, p. 7).

Em *As utilizações do objeto impresso*, Chartier (1998) fundamenta o entendimento que este não pode ser isolado de sua materialidade e contexto histórico. Diz que é preciso estar atento para o suporte do objeto impresso, para as intenções de seu autor e editor e, o que é importante, para a forma como o leitor elabora representações a partir e sobre o objeto. Nesse sentido, o impresso é um artefato cultural, pois é o resultado de um processo de construção social, produzindo ao mesmo tempo identidades e subjetividades em contexto de relações de poder. (SILVA, 1999). O alcance dos impressos vai além da intencionalidade de seu autor e de seu editor. Eles provocam também uma participação, por parte dos leitores, ao produzirem representações construídas a partir de todo um conjunto de interfaces e reações.

Chartier (1992) diz que, através da análise histórico-cultural, o periódico é entendido como um *corpus* documental de vastas dimensões que precisam ser investigadas para que seus sentidos sejam revelados. Assim, os textos de um periódico não existem, não podem ser analisados fora do objeto impresso que os comunica. O periódico, enquanto impresso, faz parte da significação. Por isso, enfatiza ainda, que o investigador precisa estar atento, na análise de qualquer impresso, para a complexa relação entre o *próprio texto*, o *objeto que comunica* e o *ato que o apreende*. Para que se possa representar o tipo de leitura que os produtores do texto pretendiam criar, é fundamental

estar atento para as peculiaridades editoriais e de escrita do periódico. Se isso se aplica à imprensa educacional periódica, penso que possamos concluir o mesmo em relação aos manuais escolares que para os imigrantes alemães formavam um todo com os periódicos educacionais, todos inseridos na mesma política educacional da igreja da imigração, católica e evangélica.

A produção da imprensa educacional da imigração alemã no RS deu-se, como vimos, em período histórico de crescente afirmação do nacionalismo no Brasil. Seguindo Guibernau (1997), a dimensão política do nacionalismo deve ser conjugada com a capacidade de se promover um processo identitário, pelo qual os indivíduos, vivendo em território comum, sintam-se ligados por laços culturais comuns. A autora enfatiza que, no nacionalismo, estava presente uma acentuada dimensão psicológica, expressando-se no processo, na tentativa de erigir uma coesão política e cultural. Hobsbawm (1984; 1990), Guibernau (1997), Gellner (1988) e Anderson (1997) são autores-referência para nos fazer perceber como a dinâmica sociocultural desenvolveu-se em profunda inter-relação com a questão do nacional. Entendem nação como "comunidade imaginária". Significa dizer que não se fala em identidade nacional, mas em processo identitário, que se processa não apenas a partir dos governos e agências oficiais, mas envolve e contempla também as aspirações e interesses populares. (HOBBSAWM, 1990). O que não se dá em forma linear e abstrata, mas em movimento concreto de interesses, de contradições, de tensões e de alianças.

O Estado/Nação foi instituído marcantemente no nível cultural. Nessa perspectiva entende-se que a literatura escolar dos imigrantes alemães tem profundas interfaces com o movimento de formação do Estado/Nação no Brasil. Isso foi particularmente importante para os imigrantes alemães que provinham de tradição em que era possível conjugar sua nacionalidade alemã (dimensões simbólicas, culturais) com a cidadania brasileira (pertencimento político, cidadania), o que gerou profundos estranhamentos em relação à tradição portuguesa.

Essa questão, trabalhada particularmente em Seyferth (1994), Gertz (1994), Rambo (1994b; 1994a) e Meyer (1999), é fundamental para entender ênfases e interlocuções na literatura pedagógica da imigração alemã, com crescente ênfase nacionalista. Essa literatura é um artefato cultural com que se busca um particular entendimento de processo identitário entre imigrantes alemães no Brasil. Assim, não se trata de uma imprensa fora do contexto



brasileiro. Ao contrário, constituiu-se como uma das expressões de articulação da cidadania brasileira dos imigrantes, em contexto de afirmação do Estado/Nação.

Mais do que buscar o entendimento dessa imprensa, em si, é preciso entender toda a literatura escolar dos imigrantes alemães como uma produção de significado, de processo identitário, nesse contexto de entrecruzamentos e estranhamentos. Ela é uma resposta, uma prática social, uma produção de sentido. Por isso, procuramos tomar as providências para tornar a imprensa pedagógica da imigração alemã acessível aos pesquisadores interessados, pois entendemos que ela é uma fonte fecunda para a investigação de uma faceta da história da educação no período em questão. Essas fontes são importantes para a pesquisa em história da educação no Brasil. Foram destinadas para as escolas dos imigrantes, mas sua produção implicou freqüentes diálogos/tensões com as políticas educacionais no país, o que amplia, consideravelmente, os possíveis interesses e temas de pesquisa.

Referências

ALLGEMEINE LEHRERZEITUNG für Rio Grande do Sul. **Vereinsblatt des deutschen evangelischen Lehrervereins in Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Editora Rotermund, 1901 a 1939.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

BASTOS, Maria Helena Câmara. **Apêndice** – A imprensa periódica educacional no Brasil. (1808-1944). In: CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Câmara. (Org.). **Educação em revista**. A imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, 1997 a, p. 173-187.

_____. As revistas pedagógicas e a atualização do professor: a revista do ensino do Rio Grande do Sul (1951-1992). In: CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Câmara. (Org.). **Educação em revista**. A imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, 1997b, p. 47-76.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Textos impressos e livros didáticos. In: CAMPELO, Bernardete Sales; CALDEIRA, Paulo da Terra; MACEDO, Vera Amália Amarante. (Org.).

Formas e expressões do conhecimento: introdução às fontes de informação. Belo Horizonte: Faculdade de Biblioteconomia da UFMG, 1998, p. 217-247.

BENITO, Agustín Escolano. **Los comienzos de la edición escolar moderna en España.** El Libro y la educación. España: Anle Asociación Nacional de Editores de Libros y Material de Enseñanza, 2000, p. 15-57.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar. 1993. 369f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

BÜNGER, Ferdinand. **Entwicklungsgeschichte des Volksschullesebuches.** Leipzig: Herausgegeben unter Benützung amtlicher Quellen–Nachdruck Glasshütten, 1898.

CARNEIRO, José Fernando. **Imigração e colonização no Brasil.** Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1950.

CATANI, Denice Barbara, BASTOS, Maria Helena Câmara. (Org.). Apresentação. **Educação em revista.** A imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, 1997.

CEM ANOS DE GERMANIDADE NO R.G.S. **1824-1924.** Tradução Arthur Blásio Rambo. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.

CHARTIER, Roger. **As utilizações do objeto impresso.** Portugal: Algés/ Difel, 1998.

_____. Textos, impressão, leituras. In: Hunt, Lynn. (Org.). **A nova história cultural.** Tradução Jefferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

DAS SCHULBUCH. **Organ zum Ausbau der schulbuchliteratur in Brasilien.** São Leopoldo: Rotemund, 1917-1938.

DEUSCHE POST. São Leopoldo: Rotemund, 1880-1928.

FELIX, José Luís. **As gramáticas dos imigrantes alemães para aprender o português:** índices de brasilidade lingüística. 2004. 564 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Pós-Graduação em Letras Clássicas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

FREITAG, Bárbara; MOTTA, Valéria Rodrigues; COSTA, Wanderley Ferreira. **O estado da arte do livro didático no Brasil.** Brasília: INEP/REDUC, 1987.

GELLNER, Ernest. Naciones y nacionalismos. Madrid: Iianza Editorial, 1988.

GERTZ, René. A construção de uma nova cidadania. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELOS, Naira. (Org.). **Os alemães no sul do Brasil.** Cansas: Editora da ULBRA, 1994. p. 29-40.



GUIBERNAU, Montserrat. **Nacionalismos**. O estado nacional e o nacionalismo no século XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

HALL, Stuard. A Centralidade da Cultura. Notas sobre a revolução do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HOBBSAWM, Eric. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

KREUTZ, Lúcio. A educação de imigrantes no Brasil. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Greive Veiga. **500 anos de Educação no Brasil**. 3. ed., 2003, p. 347-370.

_____. **O professor paroquial**. Magistério e imigração alemã. Porto Alegre: Editora UFRGS; Caxias do Sul: Editora UCS; Florianópolis: Editora UFSC, 1991.

LEHRER-KALENDER, MERK-UND TASCHENBUCH. **für Lehrer an deutschen Schulen in Brasilien**. São Leopoldo: Editora Rotermond, 1923 a 1938.

LEXIKON DER PEDAGOGIK, Erster Band. **Herausgegeben von Ernest W. Roloff**. Freiburg in Breisgau, 1913. p. 1290-1301.

LZ = LEHRERZEITUNG. **Vereinsblatt des deutschbrasilianischen Lehrervereins in Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Typografia do Centro, 1900-1939. (Anteriormente, de 1900 a 1906, chamava-se *Mitteilungen des katholischen Lehrer-und Erziehungsvereins in Rio Grande do Sul*).

MEYER, Dagmar. **Identidades traduzidas**. Cultura e docência teuto-brasileira-evangélica no Rio Grande do Sul. 1999. 244 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

_____. Língua e religião como instituintes da nacionalidade. In: CUNHA, Jorge Luiz da; GAERTNER, Angelika. (Org.). **A imigração alemã no Rio Grande do Sul**: história, linguagem, educação. Santa Maria: Ed. UFSM, 2003. p. 187-215.

MUNAKATA, Kasumi. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997. 218 f Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) – Programa de Pós-Graduação em História e Filosofia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

NÓVOA, Antonio. **A imprensa de educação e ensino** – repertório analítico (Séculos XIX e XX). Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993.

RAMBO, Arthur Blásio. **A escola comunitária teuto-brasileira católica**: gênese e natureza. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1994b.

_____. Nacionalidade e cidadania. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELOS, Naira. (Org.). **Os alemães no sul do Brasil**: cultura, etnicidade e história. Canoas: Ed. ULBRA, 1994a. p. 43-55.

RAMBO, Balduino. A imigração alemã. In: **Enciclopédia Riograndense**. O Rio Grande Antigo. Canoas: Regional, 1956.

SCHALLENBERGER, Erneldo. **O associativismo cristão no Sul do Brasil**. A contribuição da Sociedade União Popular e da Ligas das Uniões Coloniais para a organização e para o desenvolvimento social sul-brasileiro. 2001. 593f. Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

SEYFERTH, Giralda. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELOS, Naira. (Org.). **Os alemães no sul do Brasil**: cultura, etnicidade e história. Canoas: Ed. ULBRA, 1994. p. 11-28.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SKT PAULUSBLATT. **Revista da Sociedade União Popular do Rio Grande do Sul** (Volkverein). Porto Alegre: Typographia do Centro, 1912-2005.

SOARES, Magda Becker. Um olhar sobre o livro didático. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 2, n. 12, p. 52-63, nov./dez. 1996.

Prof. Dr. Lúcio Kreutz
Universidade de Caxias do Sul (UCS)
E-mail | lkreutz@terra.com.br

Recebido 11 fev. 2008

Aceito 03 abr. 2008